

FICHA TÉCNICA

Título original: *Notre-Dame*

Autor: *Ken Follett*

Copyright © 2019 by Ken Follett

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2019

Tradução: *Isabel Nunes*

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, setembro, 2019

Depósito legal n.º 459 461/19

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

1.

2019

A voz ao telefone parecia ansiosa. «Estou a falar-te de Paris», disse. «Liga a televisão!»

Eu estava em casa, na cozinha, com Barbara, a minha mulher. Tínhamos acabado de jantar. Eu não tinha bebido vinho, o que se revelou ser uma boa coisa. Ainda não o sabia, mas a noite ia ser longa.

Era uma velha amiga que estava a telefonar-me. Já geriu bem muitas crises enquanto membro do Parlamento britânico e ministra e sabe controlar emoções fortes, mas a sua voz parecia perturbada.

Todos sabem o que vimos no ecrã: a maravilhosa Catedral de Notre-Dame de Paris, uma das maiores façanhas da civilização europeia, estava a arder.

As imagens deixaram-nos estupefactos e em estado de choque. Fiquei à beira das lágrimas. Algo inestimável morria perante os nossos olhos.

A sensação era desconcertante, como se a terra por baixo dos nossos pés estivesse a tremer.

Conheço bem a catedral. Uma vez, no Natal, eu e Barbara assistimos lá à missa do galo. Milhares de pessoas enchiam a igreja. A luz difusa lançava sombras profundas sobre os corredores, os cânticos ecoavam na nave e a abóbada, acima de nós, estava mergulhada na escuridão. O mais comovente era saber que os nossos antepassados, durante mais de oitocentos anos, tal como nós, tinham celebrado o Natal neste edifício.

Eu visitei a catedral muitas vezes. A minha primeira visita foi em 1966, nas minhas primeiras férias fora do Reino Unido. Devo confessar que, aos dezassete anos, me interessava mais pelas raparigas que faziam parte do nosso grupo e não prestei muita atenção à catedral. E a minha última imagem da catedral remontava a apenas quatro semanas atrás, quando seguia de carro ao longo da Margem Esquerda, e, como sempre, me deliciara com a vista magnífica das duas torres e dos arcobotantes.

Assim que comecei a refletir racionalmente sobre as imagens transmitidas pela televisão, tive a percepção do que estava a arder e por que razão o incêndio se intensificava, o que era algo que por certo escapava aos jornalistas que faziam a reportagem do acontecimento. Na realidade, eles não tinham estudado

a construção das catedrais góticas. Eu tive de estudar essa matéria no âmbito das minhas pesquisas para o meu romance *Os Pilares da Terra*, que é sobre a construção de uma catedral medieval. Uma cena-chave no capítulo 4 descreve a velha catedral de Kingsbridge a arder, e perguntei-me a mim mesmo: como é possível uma grande igreja de pedra incendiar-se?

Subi até aos espaços poeirentos situados sob os telhados de catedrais, como as de Cantuária e de Florença. Estive sobre as imensas vigas que atravessam as naves e observei os barrotes que suportam as folhas de chumbo. Vi o entulho seco que se vai acumulando nesses sítios: pedaços velhos de madeira e de corda, invólucros de sanduíches deixados por operários da manutenção, raminhos retorcidos dos ninhos de pássaros e vespeiros, finos como papel. Tinha a certeza de que o fogo começara algures no telhado, provavelmente uma beata acesa ou uma faísca provocada por um curto-circuito atearam um pedaço de lixo, que, por sua vez, se propagou aos madeiramentos. E os danos daí resultantes ameaçavam agora fazer ruir o edifício.

Decidi partilhar este pensamento e, assim, escrevi no Twitter:

As vigas consistem em centenas de toneladas de madeira, velha e muito seca. Quando arde, o telhado rui; seguidamente, o entulho que cai destrói a abóbada, que se

desmorona por sua vez e destrói os fortes pilares de pedra que sustêm toda a construção.

As minhas palavras revelaram-se certeiras, mas subestimei a força dos pilares e das abóbadas, que foram danificados mas, felizmente, não totalmente destruídos.

Eis como ocorreu a destruição da catedral de Kingsbridge em *Os Pilares da Terra*, vista do ponto de vista do abade Philip:

Um novo estrondo obrigou-o a olhar para o alto. Mesmo por cima da sua cabeça, uma enorme trave começava a virar-se de lado. Ia cair-lhe em cima. Philip e Cuthbert ficaram a vê-la, atónitos, alheios à sua própria segurança. O telhado foi cair em cima dum dos grandes arcos redondos da intersecção. O peso bruto da madeira e do chumbo vindo do alto despedaçou-se contra a pedra do arco com um barulho explosivo e prolongado, como um trovão. Tudo decorreu com lentidão; as traves precipitaram-se devagar; o arco desfez-se devagar e a alvenaria despedaçada projetou-se lentamente pelo ar. Outras vigas do telhado se soltaram e então, como o ribombar lento e baixo dum trovão, uma secção inteira da parede norte da capela-mor estremeceu e resvalou obliquamente para o transepto norte. Philip estava estupefacto. Assistir à destruição dum edifício daquela imponentia era duma estranheza chocante. Era como ver uma montanha a desmoronar-se ou um rio a secar: nunca lhe passara pela cabeça que isso pudesse acontecer. Mal podia acreditar no que via.

A 15 de abril de 2019, à medida que a noite caía, os habitantes de Paris saíram à rua e as câmaras de televisão captavam milhares de rostos amargurados, iluminados pelas chamas, alguns entoavam hinos, outros choravam, enquanto observavam a sua amada catedral a arder. Nessa noite, o meu *tweet*, que obteve a reação mais sentida dos meus seguidores, dizia apenas:

*Français, françaises, nous partageons votre tristesse*¹.

Eu devia ter escrito «*nous partageons*» com um *e*, mas ninguém se importou com isso.

Há pessoas que sabem mais do que eu sobre catedrais medievais, mas os jornalistas desconhecem os seus nomes. Sabem o meu nome graças aos meus livros e sabem que *Os Pilares* é um romance sobre uma catedral, o que explica porque, passados alguns minutos, comecei a receber mensagens da imprensa. Passei essa noite a dar entrevistas à televisão, à rádio e aos jornais, explicando em inglês e em francês o que estava a acontecer na île de la Cité.

Ao mesmo tempo que era entrevistado, via as imagens na televisão.

O pináculo central, esguio como uma flecha e com noventa e um metros de altura, era um dos possíveis pontos de origem do incêndio e estava agora a ser

¹ *Franceses, francesas, partilhamos a vossa tristeza.* (NT)

devorado pelas chamas. Era constituído por quinhentas toneladas de vigas de carvalho, elevando-se de um telhado de chumbo com duzentas e cinquenta toneladas. A madeira, que se consumia rapidamente, não tardou a deixar de poder suportar o peso de toda aquela massa de chumbo. Para as multidões que sofriam nas ruas e para os milhões de pessoas horrorizadas que assistiam pela televisão, o momento mais desolador aconteceu quando o pináculo se inclinou, partindo-se como um fósforo, e se despenhou através do telhado em chamas da nave.

A Notre-Dame parecera sempre eterna, e os construtores medievais certamente pensaram que duraria até ao Dia do Juízo Final. De súbito, porém, vimos que não era indestrutível. Na vida de qualquer rapaz há um momento doloroso em que ele compreende que o pai não é todo-poderoso nem invulnerável. Tem fragilidades, pode adoecer e um dia morrerá. A queda do pináculo fez-me pensar nesse momento.

Parecia que a nave se encontrava já em ruínas. Pensei ver chamas numa das torres e sabia que, se estas caíssem, toda a igreja seria destruída.

O presidente Macron, que defende claramente a modernização radical do seu país e que enfrenta a oposição frontal e violenta dos que não gostam das suas reformas, falou diante das câmaras de televisão e afirmou-se, pelo menos por momentos, como o

líder incontestado de uma nação francesa unida. Impressionou o mundo inteiro e provocou lágrimas nos olhos deste galês, que eu sou, ao dizer com firme confiança: «*Nous rebâtirons.*» Vamos reconstruir.

Deitei-me à meia-noite e pus o despertador para as 4h30 da manhã, uma vez que no último telefonema me pediram que participasse num programa de televisão que seria transmitido de manhã cedo.

Receando que o nascer do Sol revelasse um monte de escombros fumegantes, ali na île de la Cité, onde a Notre-Dame fora orgulhosamente edificada, fiquei muitíssimo reconfortado ao ver que a maioria das paredes ainda estava de pé, assim como o grandioso par de torres quadrangulares da fachada oeste. A situação era menos grave do que se tinha receado. Dirigi-me então ao estúdio de televisão levando comigo uma mensagem de esperança.

Passei essa terça-feira a dar entrevistas e, na quarta-feira, apanhei um avião para Paris para participar num debate televisivo sobre o simbolismo das catedrais na literatura e na vida no programa *La Grande Librairie*.

Nunca me ocorreu sequer ficar em casa. A Notre-Dame está no fundo do meu coração. Não sou crente, o que não me impede de frequentar a igreja. Adoro a arquitetura, a música, as palavras da Bíblia e a sensação de partilhar algo de profundo com os

outros. Há muito que desfruto de uma profunda paz espiritual nas grandes catedrais, à semelhança de milhões de pessoas, tanto crentes como não-crentes. E tenho outra razão para me sentir grato às catedrais: o meu amor por elas inspirou o romance que é certamente o meu livro mais conhecido e provavelmente o melhor.

O presidente Macron declarou que a Notre-Dame seria reconstruída em cinco anos. Um jornal francês reagiu com o seguinte título: «Macron acredita em milagres.» Todavia, o apego dos franceses à Notre-Dame é profundo. A catedral foi palco de alguns dos acontecimentos fulcrais da história francesa. Todos os painéis de sinalização nas estradas francesas que indicam a que distância estamos de Paris dão a medida a partir do quilómetro zero, ou seja, o ponto onde se encontra uma estrela de bronze embutida no átrio da Notre-Dame. O enorme sino — que tem o nome de Emmanuel — da torre sul ouve-se em toda a cidade quando faz ressoar o seu profundo fá sustentido, para anunciar momentos de alegria ou de tristeza, o final de uma guerra ou um acontecimento trágico como o 11 de Setembro.

Além disso, nunca se deve subestimar os franceses. Se alguém consegue superar este desafio, são eles.

Antes de deixar Paris e regressar a casa, os meus editores franceses perguntaram-me se conside-

raria escrever um livro sobre o meu amor pela Notre-Dame, à luz do trágico acontecimento de 15 de abril. As receitas desse livro reverteriam para o fundo de reconstrução, tal como os meus direitos de autor. «Sim», respondi. «Começo amanhã.»

Eis o que escrevi.